



o MINISTÉRIO ADVENTISTA



O 25

JANEIRO - FEVEREIRO de 1959

Nº. 1

imento a David Livingstone,
na África Central.





Mensagem de ANO NOVO

JAMES J. AITKEN

Presidente da Divisão Sul-Americana

CONSIDERO um privilégio real esta oportunidade que se me oferece de dirigir a cada um de vós — todos os que exercem o ministério da Palavra de Deus — uma mensagem de Ano Novo. Ao iniciarmos o novo ano, não somente penso em vós, como também oro pelo vosso êxito no ministério. Entre nós, como povo de Deus, quando oramos uns pelos outros, almas são ganhas para a verdade, homens e mulheres vêm ao conhecimento de Cristo, e vidas são transformadas — acima do que possa entender a compreensão humana. Esta é a legítima obra do ministério e assim com o auxílio divino — e na verdade somente com o auxílio de Deus — possamos influenciar a alteração do curso das vidas, das coisas deste mundo para as côrtes celestiais em cima.

Penso numa mensagem oportuna para todos vós da Divisão Sul-Americana no limiar deste novo ano. As palavras do Mestre parece serem as mais apropriadas quando ordenou aos discípulos, e especialmente a Simão Pedro: “Faze-te ao mar alto, e lança as vossas rédes para pescar.” S. Lucas 5:4. Os discípulos haviam labutado a noite inteira, e nada haviam apanhado. Estavam um pouco desanimados em consequência de seus esforços, porém quando Jesus lhes falou reanimaram-se, e Simão Pedro respondeu: “Mas, sobre Tua palavra, lançarei a rede.” Julgaram os discípulos haver chegado o momento de seguirem com mais rigor a vontade de seu Mestre, a fim de que pudessem ter mais frutos. Esta era sua esperança. Qual foi o resultado? “E, fazendo assim, colheram uma grande quantidade de peixes, e rompia-se-lhes a rede.”

Como os mais sinceros auspícios para o Ano Novo, só posso esperar e desejar que cada um de vós possa *fazer-se ao mar* com coragem e, com a força e auxílio de Deus — que Ele está pronto a conceder-nos se permanecermos humildes e obedientes a Seus planos — certamente te-

reis maior êxito nos vossos labores no decorrer de 1959 do que antes. Vivemos num grande dia da história da Terra. Mesmo nos dias em que Jesus andava e conversava com os discípulos, pôde dizer-lhes: “Bem-aventurados os vossos olhos, porque vêem, e os vossos ouvidos porque ouvem. Porque em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vós vêdes, e não o viram; e ouvir o que vós ouvís, e não ouviram.” S. Mateus 13:16 e 17.

Muitas possibilidades se estendem diante de nós neste Novo Ano, com as quais os profetas da antiguidade jamais sonharam. O próprio Jesus nos escolheu a nós como Seus mensageiros, como lemos em S. João 15:16, e nos ordenou no ministério evangélico a fim de que neste novo ano possamos ir e produzir frutos, e que o nosso fruto permaneça. Jesus nos deixou esta maravilhosa promessa: “Para que tudo quanto em Meu nome pedirdes ao Pai Ele vo-lo conceda.”

Possa Deus vos abençoar com esta promessa do Mestre, e guiar-nos a todos nós nesse Ano Novo.

O Dom do Evangelismo

QUE Deus nos livre da atitude daquele motorista de taxi que perguntou ao ministro: — Onde fica sua igreja?

— Não pastoreio determinada igreja, respondeu o prelado. Como vê, sou evangelista.

Viajaram em silêncio, silêncio que finalmente foi quebrado pela réplica do chofer:

— Não desanime, Reverendo. Sua sorte há de melhorar.

Recentemente numa conversação ouviu-se um ministro dizer a outro:

— Oh, ele é apenas um evangelista . . .

Estas palavras, que diziam respeito a um terceiro ministro, inspiram outra pergunta: Há mais elevada forma de serviço que a obra de evangelista? E, em segundo lugar: é possível que o evangelismo se torne para uma pequena minoria um trampolim para “mais altas” responsabilidades?

Irmãos, não é o dom do evangelismo em si mesmo uma exaltada vocação? A que maiores alturas pode aspirar o homem do que tornar-se um ganhador de almas?

Desde o seu início este movimento deu sua principal atenção à ciência do evangelismo. Desde que foi confiada à igreja a última mensagem de Deus para a última hora do mundo, a ênfase tem estado sobre a apresentação da mensagem. É, portanto, uma conclusão natural que o contínuo crescimento da igreja será grandemente influenciado por esta ênfase. — *Earl E. Cleveland.*



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela

Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Luiz Waldvogel
Redator associado — Arnaldo B. Cristianini
Colaborador especial:
J. J. Aitken

Brasil
Assinatura Anual Cr\$ 300,00
Número Avulso Cr\$ 50,00

Estrangeiro
Assinatura Anual US\$ 2,00
Número Avulso US\$ 0,35



ANO 25

No. 1

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Mensagem de Ano Novo James A. Aitken 2
O Dom do Evangelismo 2

ILUSTRAÇÕES

Influência 3
Alguns Centavos 3
O Indigno 3

ARTIGOS GERAIS

O Ministério do Luto H. M. Tippet 4
Funerais no Sábado Taulor G. Bunch 5
O Poder da Ressurreição
de Cristo W. G. Murdoch 6

PASTOR-PASTOREIO DO REBANHO

A Cerimônia Fúnebre no Lar L. H. Olsen 8
No Cemitério José Riffel 9
Sugestões Úteis 9
O Pastor-Médico Espiritual W. S. Lesovsky 11

EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS

Potencial Evangelizante do Ofício
Fúnebre João Tabuenca 13
Passos Que Levam à
Decisão Fordyce W. Detamore 14

A Arte do Evangelismo

Pessoal Simon R. Johson 17
Regras de João Wesley Para o Canto
Congregacional 19
O Terror da Emoção 19

SUGESTÕES PARA SERMÕES

As Três Cruzes do Calvário 20

CONSELHOS DO ESPIRITO DE PROFECIA

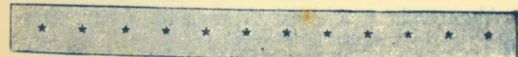
O Plano Divino Para o Evangelismo
nas Cidades 21

LIVROS PARA SUA BIBLIOTECA

..... 23

NOTAS E NOTÍCIAS

..... 24



JANEIRO-FEVEREIRO, 1959

Ilustrações

Influência

DEPOIS de procurar David Livingstone em Ujiji, África Central, e passar quatro meses lá com ele, Henry M. Stanley disse: "Fui à África prevenido como o maior ateu de Londres. Houve, porém, um longo tempo para reflexão. Via este velho solitário lá e perguntava-me: 'Como é possível que ele fique aqui? O que o inspira?' Quatro meses depois que nos encontramos, maravilhei-me de ver este velho cumprindo tudo o que foi dito na Bíblia: 'Deixai tôdas as coisas, e segui-Me.' Pouco a pouco, porém, minha simpatia por ele se intensificou; *observando* sua piedade, seu cavalheirismo, seu zelo, seu ardor, como tratava seus negócios, fui convertido por ele, embora ele não procurasse fazê-lo." — *Seleto*.

Alguns Centavos

NUM pequeno armazém rural em Illinois, havia um moço rústico, alto e feio servindo como caixeiro. Certo dia entrou na venda uma senhora idosa a fim de fazer algumas compras. Ela entregou-lhe uma nota, e ele recebeu seu dinheiro, devolvendo-lhe o troco. Naquela noite, ao fechar o livro Caixa, verificou que havia alguns centavos a mais. Passou em revista mentalmente tôdas as vendas feitas no dia, e lembrou-se do troco que dera à idosa senhora pela manhã. Deixara de dar-lhe a quantia exata. Aquêles poucos centavos pertenciam a ela. Pôs o chapéu na cabeça, fechou o armazém, e andou vários quilômetros a pé para devolver os centavos à freguesa. Aquêles rapaz rústico era Abraão Lincoln que, como se sabe, tornou-se mais tarde Presidente dos Estados Unidos. — *Seleto*.

O Indigno

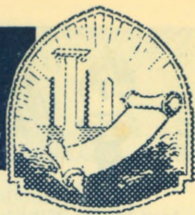
CERTA mãe pedia o perdão para seu filho a Napoleão. O imperador dissera que se tratava de uma segunda ofensa, e a justiça exigia a morte.

— Não peço justiça — disse a mulher — pleiteio misericórdia.

— Mas — respondeu o imperador — ele não merece misericórdia.

— Senhor — replicou a mãe — se ele a merecesse não seria misericórdia, e é misericórdia tudo o que peço.

— Está bem — concluiu o imperador — terei misericórdia. — *Adaptado*.



O Ministério do Luto

H. M. TIPPETT

Redator Associado da Review and Herald Publishing Association

(Leitura bíblica: Salmos 103:13-18; Isa. 40: 6-8; Ecles. 7:1-4.)

TODAS as coisas terrenas denotam decadência e dissolução. Desde que o profundo pesar de Deus O obrigou ao terrível pronunciamento sobre Adão e Eva, quando foram banidos das deliciosas águas do Éden: “Certamente morrerás” (o original hebraico diz: “Morrendo, morrerás”), esta moradia do homem, amaldiçoada pelo pecado, tem sido uma casa de luto, um lugar de lágrimas, um jardim empestado de aflição e sonhos frustrados.

No meio da tristeza, porém, há um vislumbre de esperança. Através do prisma das lágrimas vemos o arco-íris divino da promessa. Cercados pela escuridão da tumba, contemplamos Aquêlê que habita na luz inacessível.

Há três proveitosas lições nos textos bíblicos que lemos:

“Seca-se a erva.” Aqui se revela a fragilidade do homem e a brevidade da vida humana.

“Como a flor do campo, assim [o homem] floresce.” Temos aqui uma bela analogia da nobreza de uma vida bem vivida diante dos homens.

“Mas a palavra de nosso Deus subsiste eternamente.” Isto é firmeza e segurança em um mundo que só conhece inconstância e decadência.

Certamente foi desígnio de nosso misericordioso Pai, que se apieda de nós como Seus filhos, colocar êstes textos em estreita justaposição para um tempo como êste.

“Melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa onde há banquete. . . . Melhor é a tristeza do que o riso, porque com a tristeza do rosto se faz melhor o coração.”

Deus tem, pois, um propósito com a aflição humana e a tristeza terrena. Fico a pensar se podemos aprender hoje algumas das suas lições. Somos tão vagarosos em aprender o significado dos segredos da mão guiadora de Deus.

Quão trágica se nos afigura a queda do homem, quando olhamos ao nosso redor e vemos as marcas da carga do pecado no cabelo que embranquece, na face enrugada, nos fracos degraus da idade, e na muda testemunha dos sepulcros das incontáveis cidades dos mortos!

As sementes que emboloram no prolongado orvalho da primavera, a praga que destrói a esperança da ceifa no verão, a parasita que ataca o milho já granado na espiga e produz desalento ao tempo da colheita — tudo isto são coisas que lembram a maldição que o pecado trouxe a êste mundo para aumentar o infortúnio do homem.

E contudo “o coração dos sábios está na casa do luto” — notem “dos sábios” — porque é na casa em que há luto onde sentimos nossa dependência dAquele que declarou: “Tôda a carne é erva.” “Pois, passando por ela o vento, logo se vai, e o seu lugar não conhece mais.”

Há um ministério da tristeza, que nos leva a sentir a herança comum como membros da família de Deus. Não pecámos todos nós e ficámos destituídos da glória de Deus? Graças a Deus, porém, que não nos deixa na casa do pranto. “Virei outra vez”, disse Jesus, “e vos levarei para Mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também”. S. João 14:3.

Não é bastante uma vista retrospectiva para a perda de nosso lar edênico e a conseqüente desgraça que se abateu sobre o homem até a hora presente. No meio dos reinos que se desagregam e dos frustrados planos do homem, e na confusão social reinante, como são confortadoras as promessas de Deus! A beleza e a florescência do Éden serão restauradas em uma Terra em que não haverá jamais enfermidades nem infortúnios. Não se conhecerão lá paralisia nem definhamento. “E eis que cedo venho, e o Meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra.” Apoc.22:12.

Abençoada promessa! Apressa-te, ó dia eterno!

Funerais no Sábado

TAYLOR G. BUNCH

É NATURAL que façamos todo esforço possível a fim de vivermos o mais que pudermos, e adiar nossos funerais tanto quanto nos seja permitido fazê-lo. Contudo por mais grave, desagradável e indesejável como é, não pode o funeral ser adiado indefinidamente. Não podemos ignorá-lo ou escapar dêle. Mesmo os santos mais piedosos, a quem foram dadas promessas divinas de imunidade da segunda morte, tiveram encontro com a primeira morte, a que sobrevém a todos igualmente como resultado do pecado da raça originado no primeiro Adão.

O Evangelho, no entanto, destrói o temor da morte, pois a bem-aventurada esperança transforma seu vale escuro em mera "sombra" em comparação com a morte eterna que sobrevirá aos ímpios. Não há perigo real numa sombra, embora possa causar terror pelo fato de apresentar evidência de uma realidade que é perigosa. O falecimento dos justos é apenas uma experiência temporária, e por essa razão dela se fala como um "sono" — palavra que, em si, contém a promessa de um despertar. Em breve os santos de Deus, de todos os tempos, que dormem, se levantarão de seu leito de pó, com o brado triunfante: "Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó sepultura, a tua vitória?"

Para o genuíno cristão, contudo, morte e funeral são de somenos importância; por conseguinte, custosos aparatos e descomedimentos em funerais não estão em harmonia com os verdadeiros postulados cristãos. Embora as providências fúnebres tenham significado espiritual, envolvem também um elemento secular em sua natureza, a ponto de os judeus jamais permitirem um sepultamento no sábado. Esta atitude também se reflete na maior parte das corporações religiosas que consideram o domingo como seu dia santificado. Os funerais geralmente têm sido considerados demasiado seculares para serem feitos no dia de repouso. Às vezes não somos tão cuidadosos a este respeito como outros que não têm a luz que nos foi dada.

Esta desconsideração pelo sábado parece que se está intensificando em alguns lugares, o que é de lamentar-se. O remédio está com nossos ministros. Se, com delicadeza porém firmemente declinarmos de dirigir ou assistir funerais no sábado sob circunstâncias normais, pouca dificuldade teremos neste sentido. Devemos ser prudentes em tornar conhecido que não aprovamos funerais no sábado e, sempre que possível, de-

vem ser evitados. Nosso povo geralmente se dispõe a cooperar neste ponto, como o faz nas demais coisas. Ocasionalmente surgirá alguém impaciente para realizar o funeral de um querido, no sábado para que haja grande comparecimento de nosso povo. E para justificar a medida, êle nos lembrará que alguns de nossos preeminentes líderes foram sepultados no sábado. Um erro, contudo, não justifica outro. Há um princípio importante envolvido nesta questão, e precisamos ser guiados por princípios.

O Trabalho que Isto Envolve

Pensai no que envolve um funeral no sábado. A própria sepultura muito provavelmente será cavada nesse dia; desta forma, os encarregados dêste serviço se tornam nossos servos, sendo o seu salário incluído nas despesas do sepultamento. O empresário fúnebre e todos os seus auxiliares são também contratados para trabalhar por nós no sábado, pois são também pagos pelo seu serviço. A maior parte da ornamentação e flores são preparadas no sábado, de modo que os floristas se tornam também servos a nosso sôlido. Além disso, os funerais no sábado provavelmente quebram a seqüência das atividades da igreja, e privam a muitos de comparecerem à Escola Sabatina e à hora do culto. Alguns funerais no sábado têm desorganizado e perturbado as atividades de igrejas, onde o funeral se realizou a uma distância muito próxima.

No caso de um falecimento, muitas vezes o sentimento substitui a razão e o bom-senso, a ponto de se fazerem imprudentes movimentações. É de lamentar-se que, com freqüência, se fazem funerais muito custosos, que se tornam ocasiões de exibição e pompa, sendo que a família não pode acudi-las financeiramente.

Não raro, milhares de cruzeiros se gastam nisso, e que podiam ser empregados em benefício dos membros vivos da família, quando não se incorre em pesadas dívidas. O melhor tempo para demonstrarmos nosso afeto pelos que nos são caros é quando ainda estão conosco, e nenhuma grande pompa nos funerais poderá jamais expiar alguma falta que hajamos cometido anteriormente.

De todos os professos cristãos, os adventistas do sétimo dia deveriam ser os últimos a seguirem costumes do mundo em fazer funerais. E nós que cremos que Cristo está para voltar muito em breve para ressurgir os mortos, não deve-

O Poder da Ressurreição de Cristo

W. G. C. MURDOCH

Professor de Teologia Sistemática no Seminário
Teológico Adventista do Sétimo Dia

A PREGAÇÃO do poder da ressurreição de Cristo trouxe a chuva temporã. A mesma pregação produzirá a chuva serôdia e amadurecerá a seara do mundo.

Quando êste poder da ressurreição tomar posse do povo do Advento, o mesmo êxito que marcou o início da igreja primitiva será de novo testemunhado, e mesmo maiores prodígios serão vistos. Êste poder superará todos os percalços e vencerá tôdas as dificuldades. Nossa necessidade mais urgente é aceitar pela fé "qual a sobreexcelente grandeza do Seu poder sôbre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-O dos mortos, e pondo-O à Sua direita nos Céus". Efés. 1:19 e 20.

Um dos graves perigos que nos ameaçam é confiarmos demasiado na organização e na interpretação correta das profecias. Embora necessárias como são, são destituídas de poder se não forem acompanhadas pelo poder da ressurreição de Cristo. É a participação neste acontecimento miraculoso, mais do que a interpretação de intrincadas profecias, que irá iluminar o mundo. Paulo sabia que experiência era esta ao declarar: "Estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim." Gál. 2:20. À medida que o Cristo ressurreto fizer morada em nós, juntar-nos-emos às fileiras de testemunhas que testificam do poder de Sua ressurreição.

O Ponto Focal da Pregação Apostólica

O apóstolo Paulo desejava ardentemente experimentar o poder da ressurreição de Cristo. Reconhecia que sem isso seu ministério seria

ríamos nos entristecer como "os demais, que não têm esperança".

Que nós como líderes na causa de Deus determinemos fazer tudo o que pudermos a fim de eliminar esta grave transgressão do santo dia de repouso de Deus, por preceito e por exemplo, e dessa forma proteger o sábado contra práticas seculares ou meio seculares que possam marear sua santificação ou destruir seu significado. Não permitamos que o sepultamento dos mortos embarace o culto que se presta ao Deus vivo. E orientemos nosso povo no sentido de livrá-lo de pompas e ostentações desnecessárias. Eles acatarão nosso exemplo e nossa liderança.

infrutífero. Em tôda sua pregação dava preeminência ao supremo acontecimento de Cristo ter ressurgido dos mortos. Declara categoricamente que se não houvesse ocorrido êste milagre, não haveria nenhuma mensagem de esperança para o mundo. Dessa forma o cristianismo seria uma ficção e cada pregador evangélico, uma falsa testemunha. Estaríamos ainda em nossos pecados e seríamos "os mais miseráveis de todos os homens". I Cor. 15:12-19.

A encarnação de Cristo, Sua vida sem pecado, Seu sofrimento vicário, Sua morte substituinte na cruz seriam destituídos de poder e de nenhum proveito, não fôsse Sua ressurreição. Uma crônica evangélica que finalizasse na cruz, seria altamente patética e nos produziria admiração diante de um amor tão abnegado, mas faltar-lhe-ia "o poder de uma vida eterna". É êste poder que torna eficaz a morte expiatória de Cristo. Êste era o ponto focal de tôda a pregação apostólica.

A Certeza da Ressurreição de Cristo

O diabo fez tudo o que podia para manter Cristo cativo na sepultura. Bem sabia êle que, se Cristo ressurgisse como vitorioso sôbre a morte, seu domínio estaria perdido para sempre, e a partir de então seria um inimigo vencido. Por conseguinte, tomou tôda precaução para manter o Salvador clausurado no túmulo novo de José. Uma grande pedra foi rodada para a porta do sepulcro e nela se afixou o selo romano. Os guardas foram aumentados de sessenta para cem, e, para que não se cansassem em seu pôsto, providenciou-se a substituição dêles através das vigílias noturnas. A despeito de todos os seus planos bem engendrados, o inimigo foi impotente para manter um Salvador sem pecado em sua prisão. As próprias providências tomadas para mantê-Lo na tumba serviram para tornar o fato de Sua ressurreição ainda mais miraculoso. O poder de Sua ressurreição manifestou-se quando a pedra foi removida e a luz resplandecente do Céu ofuscou os olhos daqueles robustos soldados romanos. Caíram de costas como homens que tivessem morrido, enquanto o Filho de Deus voltava à vida.

Os Incrédulos Procuram Explicações Naturais

Desde o dia em que aquêles soldados foram subornados para dizer que os discípulos rouba-

ram o corpo de Cristo, o príncipe dos enganadores tem constantemente induzido os incrédulos a deturpar o milagre da ressurreição de Cristo. A "teoria do corpo insepulto", a "teoria da alucinação", a "teoria do engano das mulheres" e a "teoria de um sócio" são tentativas indoutas e ridículas para explicar a ressurreição de Cristo. Não há explicação natural que justifique esse acontecimento sobrenatural, e as suposições humanas nada mais fazem que trazer um pronunciado relêvo ao mistério do que é divino.

Aparecimentos Depois da Ressurreição

Os escritores do Novo Testamento registram onze ocasiões em que Cristo apareceu depois de ressurgido. É improvável que homens de tanta diversidade de caráter, aos quais o próprio Cristo se fêz reconhecer nas aparições depois de ressurreto, seriam todos iludidos e enganados. Dificilmente se pode admitir que Pedro se tornasse delirado, ou Tomé, histérico, ou os quinhentos irmãos passassem simultaneamente a sofrer de alucinação. A mente educada e lógica de Saulo, o fariseu, não seria prontamente enganada; contudo êle testemunhou seu encontro com o Senhor ressuscitado no caminho de Damasco. Aquêlê encontro mudou todo o curso de sua vida.

O Poder Transformador da Ressurreição

Foi a ressurreição de Cristo que transformou a vida dos discípulos e os habilitou para a tarefa. Depois que seu Mestre levantou da tumba, seus fracassos anteriores cederam terreno a uma vitória esmagadora. Mudaram a tristeza em cântico, a fraqueza em poder. Pedro que antes havia sido covarde e temeroso, agora declara ousadamente: "Saiba pois com certeza tôda a casa de Israel que a êsse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus O fêz Senhor e Cris-

to." Atos 2:36. "Deus ressuscitou a êste Jesus... exaltado pela destra de Deus... e derramou isto que agora vêdes e ouvis." (versículos 32 e 33.) Quando o fato estupendo da ressurreição e exaltação de Jesus foi apresentado, os homens em tôda a parte se arrependeram de seus pecados e uniram-se às fileiras dos cristãos.

Esta era a razão do êxito do cristianismo primitivo. Não foi, como sugeriu Gibbon, a fôrça da organização dos crentes, nem a pureza de sua moral, nem o entusiasmo de seus adeptos. Foi, porém, a compreensão de que Jesus, que fôra crucificado, *ressurgira dos mortos*, e abriu um novo e vivo caminho pelo qual o homem de novo podia unir-se em íntima relação com Deus. Uma nova era surgiu com a ressurreição de Cristo. O mundo que estivera coberto mais e mais de trevas, repentinamente começou a ver a gloriosa luz resplandecendo do trono de Deus, onde se assentou o Cristo ressurreto e exaltado.

Os críticos estão habituados a dizer-nos que esta narrativa da ressurreição de Cristo não passa de lenda, ou mito, inventado pela igreja nascente para dar mais estímulo à sua mensagem. A verdade é exatamente o contrário. Foi o fato do milagre da ressurreição que deu existência à nova igreja, como assinala James Stewart: "Deu-se categoricamente não o caso da comunidade inventando uma tradição sobrenatural, a igreja produzindo a fé pela qual vive; a verdade é exatamente o reverso. Deu-se o caso dos fatos sobrenaturais originarem a comunidade, e o fizeram com ímpeto tão irresistível que até hoje as portas do inferno não prevaleceram contra ela."—*A Faith to Proclaim*, págs. 26 e 27.

Nossa mensagem ao mundo tem por objetivo não preparar homens para morrerem mas para viverem, e viverem eternamente. Nossa certeza daquela vida imortal se encontra no fato de que Cristo levantou dos mortos e vive para sempre.

Sermões Longos

Diz o Espírito de Profecia:

"O sermão proferido do púlpito não deve ser longo, porque não sòmente cansa o povo, mas absorve o tempo e a energia do ministro de tal forma que êle não se sente já tão animado para empenhar-se no trabalho pessoal que se deve seguir."—*Manuscrito* 14, 1887.

"Que a vossa pregação seja curta e direta ao ponto visado, e no momento oportuno apele para uma decisão."—*Carta* 8, 1895.

"Que haja sermões curtos, e orações curtas e fervorosas."—*Carta* 132, 1898.

"Sejam breves vossos sermões. Sermões compridos cansam tanto a vós como ao povo."—*Manuscrito* 8a, 1888.

"Evitai sermões longos. O povo não pode reter uma metade sequer dos sermões que ouvem."—*Carta* 102a, 1897.



A Cerimônia Fúnebre no Lar

L. H. OLSON

Secretário da Divisão Sul-Americana

O ALVO do ministro deve ser servir, aconselhar, animar e consolar quando necessário os que estão em sua igreja, ou grupos sob seu cuidado. Seu propósito é promover o constante crescimento de todos no conhecimento da verdade, e fazê-los progredir na vida espiritual.

Em caso de enfermidade, repentina ou crônica, deve o pastor visitar a família e mostrar sua solicitude por ela, ler textos bíblicos apropriados e orar com os membros da mesma. No caso em que o doente não haja podido frequentar os cultos da igreja por certo tempo, estas visitas pastorais são grandemente apreciadas.

Ao inteirar-se do falecimento de alguém na família de membro da igreja, deve o pastor ir imediatamente ao lar do falecido para expressar suas condolências e pôr-se à disposição dos familiares caso desejem uma cerimônia fúnebre na ocasião do sepultamento.

Nos países onde não se costuma realizar serviços fúnebres na igreja, em geral são feitos no lar. Deve-se ter em conta que estas não são ocasiões próprias para demonstrações de oratória, apresentação de nossas doutrinas, elogio do falecido ou discursos longos. Na hora previamente fixada, deve iniciar-se o ato religioso com oração, na qual é apropriado pedir a Deus que console os parentes e, no momento oportuno, referir-se à fé e esperança do que dorme, dando graças pela morte de Jesus que assegura vida eterna aos que Lhe são fiéis, fazendo menção do grandioso dia da ressurreição no qual de novo se reunirão os queridos para viverem eternamente com Cristo em Seu reino, onde não haverá jamais enfermidade nem morte.

Pode-se apresentar breve esboço da vida do finado, indicando a data de seu nascimento, batismo e casamento, o nome do cônjuge, filhos, netos, etc. Também se pode incluir algumas palavras de apreciação, como por exemplo, o de ter sido bom espôso, ou mãe solícita, ou filho que sempre honrou os pais. Deve-se exercer muito cuidado para não elogiar indevidamente o que dorme.

Finalizando a menção dêesses dados biográficos, é conveniente ler um texto da Bíblia ou vários dêles, para desta forma dar começo a um breve discurso. Convém mencionar o plano original do Criador, segundo o qual tudo devia ser perfeito, sem que os seres humanos tivessem que enfrentar as tristezas que agora são tão comuns. A entrada do pecado, porém, trouxe, como consequência, tristes experiências como esta de que estamos tratando.

Neste vale de lágrimas, poucas são as famílias que não tiveram que separar-se de algum membro de seu círculo mais íntimo. (Jó 14: 1 e 2; Sal. 103:14 e 15.) Nem por isso, contudo, Deus se esqueceu de Seus filhos nas horas de tristeza e de angústia. Justamente ao chamar a atenção para a fragilidade e insegurança da vida, que é comparada a uma flor que murcha, pôs uma das muitas palavras de consolação, tão profusas na Bíblia. (Sal. 103:13 e 17.) Embora estejamos com o coração dorido, podemos elevar a vista ao Céu na certeza de que Deus nos contempla em Sua misericórdia. Para ajudar-nos a compreender melhor Seu amor, ilustrou-o com a vida de Seu Filho. Quando Lázaro morreu, Jesus visitou a família para expressar-lhe Suas simpatias, e o registro sagrado menciona que Ele chorou ao lado do sepulcro.

É oportuno chamar a atenção dos parentes para o plano de Deus que consiste em restaurar êste mundo à pristina beleza — um lugar onde não haverá mais dor nem morte. Deve-se também aludir ao fato de que estamos muito próximos do estabelecimento dêste reino de paz e eterna felicidade.

Neste momento de luto, as promessas divinas devem ajudar-nos, não a esquecermos a hora presente, como também a contemplar mais além dela, até o dia da reunião com nossos entes queridos que passaram para o descanso. (I Tess. 4:13-18.)

Devemos consolar a família enlutada com o pensamento de que a pessoa amada, que esta-

No Cemitério

JOSÉ RIFFEL

Diretor Departamental da Missão Uruguáia

DEPOIS de realizado o ato religioso na casa do falecido, empreende-se o acompanhamento até ao cemitério. Ali chegado, impõe o costume que o féretro seja conduzido pelos parentes mais próximos, precedido pelo pastor com a Bíblia na mão. Coloca-se o ataúde perto do túmulo aberto, para então ter lugar a cerimônia religiosa, que sugerimos seja assim:

1. Canto especial, por quarteto ou coral, cuja letra se adapte às circunstâncias;

2. Oração, a cargo do ancião, ou pelo próprio pastor.

3. Discurso, em voz alta e solene, na qual se deve ressaltar a bem-aventurada esperança e a vida perdurável no reino de Deus. Destaque-se a vida efêmera do homem neste mundo, e a vaidade das coisas terrenas em contraste com a ressurreição e eternidade do reino divino.

4. Outro canto especial, ou canto congregacional.

5. Durante o cantar deste hino, o ataúde é baixado à cova.

6. O pastor lerá estes textos: S. João 11:25; Apoc. 1:17 e 18; 14:13.

7. A seguir pronunciará imediatamente as seguintes palavras: "Porquanto foi da vontade de nosso Deus Todo-poderoso chamar nosso querido irmão para o descanso da sepultura, entregamos com ternura este corpo mortal à sua última morada: a terra à terra, o pó ao pó, a cinza à cinza, a fim de aguardar aqui o cumprimento da segura esperança de uma alegre ressurreição para a vida eterna mediante Cristo Jesus, nosso Senhor, e sua transformação à semelhança de Seu corpo glorioso."

8. Em prosseguimento, o pastor oficiante pode deixar cair umas pétalas de flores sobre o

ataúde, depois do que os coveiros procederão ao sepultamento.

9. Enquanto se joga terra sobre o caixão, pode-se cantar outro hino.

10. Pode-se ler ainda Apoc. 21:1-5.

11. Oração final.

12. O pastor apertará, com simpatia, a mão dos parentes, expressando-lhes palavras de ânimo, consôlo e resignação.

Sugestões Úteis

Textos Bíblicos de Esperança. — "E que não haja tristeza de despedida quando eu embarcar", são as conhecidas palavras de Tennyson. Elas, porém, sugerem alguma coisa importante. A cerimônia fúnebre não deve acabar. Deve ser executada de maneira a lançar um manto de esquecimento sobre os dias e semanas de sofrimento que possivelmente precederam ao desenlace. É o ministro que sente a importância da ocasião, não somente escolherá os textos bíblicos adequados, como também praticará a sua leitura até que possa proferir aquelas palavras inspiradas de maneira a secar os olhos embaçados de lágrimas, e abrir uma perspectiva de glória diante da mente dos que estão em pranto.

Se escolhermos textos escriturísticos positivos que realçam a grande verdade da ressurreição, leiamos-os como o faria o Mestre, de quem se diz que ao fechar o Livro, todos os olhos estavam fitos n'Ele. Passagens como o décimo nono capítulo de Jó, que fala da certeza da ressurreição, são melhores do que Jó 14, que fala da certeza da morte. Há triunfo nestas palavras: "Porque eu sei que o meu Redentor vive." Isaías diz: "Desperta e exultai, os que habitais no pó." "Vai, povo meu, ... fecha as tuas portas sobre ti." A leitura bíblica pode atingir o ponto mais elevado com I Tess. 4:16 e I Cor. 15.

O Cristo Vivo. — A cerimônia fúnebre não é tanto ocasião para ensino como uma oportunidade para confortar. Fazer dela ocasião para uma dissertação sobre o estado dos mortos parece-nos completamente descabido. Na cerimônia, não devemos lidar com mortos, mas sim com vivos. Nada se pode fazer em favor da

mos despedindo, tinha fé na ressurreição final e a havia conservado até o fim. Devemos animá-los a deixarem tudo nas mãos de um Deus justo e misericordioso, a quem devemos pedir que envie um de Seus santos anjos para assinalar o lugar de descanso do falecido, a fim de que quando Jesus voltar, esse anjo possa apresentar o ente querido a seus familiares para jamais separar-se deles. Quão preciosa é a esperança do cristão! Graças a Deus pelo fato de ela não se basear em mitos, mas nas infalíveis promessas de um Deus de amor.

quele que adormeceu; nossa mensagem tem que ser dirigida aos seus queridos que estão enlutados.

Damos graças a Deus por Jesus ter morrido. E rejubilamos por Ele vir outra vez. Estes são grandes fatos fundamentais. Para nós hoje, porém a coisa importante é que Ele *vive* agora na presença de Deus, ministrando por nós no santuário celestial, e envia Seu Espírito aos nossos corações. Neste sentido, Ele está conosco agora pela presença de Seu Espírito. A mensagem fúnebre, portanto, deve ligar-se não apenas à morte e ressurreição do Senhor, e Sua volta em glória; deve relacionar-se ao presente, ao Cristo vivo, que pode, somente Ele, trazer conforto ao coração dos homens. "Eu vos enviarei o Consolador", disse Jesus. E em tempo algum parece Ele estar tão perto de nós como na hora da tristeza, quando vem para confortar corações partidos pela dor.

É privilégio do ministro tornar os enlutados conscientes da presença do Espírito de Jesus. De fato, não precisa mencionar outro nome a não ser o de Jesus. Alguém indagará a esta altura: "E a respeito do necrológio?" Importante como possa ser, seremos prudentes em gastar mais tempo falando a respeito de Jesus e Sua grande salvação, do que fazer o panegírico do morto, não importa quem tenha sido. Se nos esforçarmos por levar os homens face a face com o Senhor vivo, o próprio funeral se tornará o portão de entrada para Deus. Mesmo se houver entre os enlutados católicos, maometanos ou ainda ateus, procure levá-los frente a frente com o Cristo vivo, não de maneira abrupta e implacável, mas de modo delicado e simpático. Ajude-os a sentirem que a diferença entre um sepultamento cristão e um pagão, é o grande fato de nosso Senhor vivo. É o fato de

que Ele quebrou os atilhos da morte e entrou para a vida eterna é a certeza de que também viveremos. — Roy Allan Anderson, Diretor da Associação Ministerial da Associação Geral.

Nossa "*Bem-aventurada Esperança*". — Entre os mais solenes momentos que o ser humano é chamado a enfrentar, nenhum supera o da morte. Devemos, portanto, aproveitar esta oportunidade para dirigir a atenção dos parentes para os valores eternos: a salvação de suas almas mediante nosso Senhor Jesus Cristo. Qual é o objetivo do ofício fúnebre? A cerimônia fúnebre cristã deverá, antes de tudo, consolar os parentes pela perda irreparável que sofreram, e também, despertar em seus corações um grande anelo para aquela "*bem-aventurada esperança*, e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo" (Tito 2:12). Os textos seguintes podem ser lidos com proveito num funeral cristão:

1. De onde provém a verdadeira consolação? — II Cor. 1:3-5.

2. Encontrando-se no lar enlutado de Maria e Marta, com que palavras as consolou Cristo? — S. João 11:21-25.

3. Que mensagem nos dirige o apóstolo S. Paulo sob a inspiração divina? — II Tess. 4:13-18; I Cor. 15:51-57.

4. Quando terminará a dor? — Apoc. 21:4.

5. Antes de ascender ao Céu, que preciosíssima promessa deixou Cristo a Seus discípulos e também a nós? — S. João 14:1-3.

6. Como devemos viver se desejamos nos reunir com nossos queridos que foram chamados ao descanso? — II S. Pedro 3:11-14. — Samuel C. Weber, Pastor da Igreja do Prado, Montevideu, Uruguai.

Como Deve Ser a Prédica

"Sei pela extensão do sermão se o pregador estêve em casa durante a semana. Quando não dispôs de tempo para os preparar, seus sermões são maçantemente longos e é igualmente impossível que algo deles se fixe na memória.

"Perguntou-se a um hábil ministro, quanto tempo costumava pregar. Respondeu: 'Quando me preparo convenientemente, meia hora no máximo; quando me preparo pouco, uma hora; quando, porém, subo ao púlpito sem prévia preparação, prossigo o tempo que você quiser. Nunca sei quando parar.'" — Carta 47, 1886.

"Alguns dos nossos sermões compridos produziram muito melhor resultado sobre o povo, se fôssem divididos em três. O povo não pode digerir tanto; sua mente não pode sequer acompanhá-lo, e torna-se cansada e confusa à vista de tanto assunto que se lhe apresenta num único sermão. Dois terços desses sermões são perdidos, e o pregador fica exausto. Há muitos de nossos ministros que erram a êste respeito." — *Evangelism*, pág. 176.

O PASTOR—Médico Espiritual

W. S. LESOVSKY

Médico e Doutor em Filosofia

A conversão e o batismo podem mudar o curso da vida, porém somente pelo contínuo processo da santificação pode a alma ser ganha em força e poder. As más tendências inatas derivam de má hereditariedade; e as que se cultivam originam-se de maus hábitos adquiridos por imitação.

A fidelidade, depois do arrependimento, pode tornar os cristãos aceitos perante o Senhor, porém seus sentimentos exigem muita orientação espiritual. Como Jesus, o Bom Pastor, podia dizer: "Conheço as minhas ovelhas" (S. João 10:14), assim o pastor precisa diligenciar por conhecer os membros de sua igreja. O verdadeiro trabalho pastoral, com seu conhecimento das necessidades e cuidado das pessoas que integram o rebanho, edifica uma igreja sadia e faz obra sólida. Ao lembrar esta verdade a Timóteo, procurou Paulo inspirar-lhe a conhecer pessoalmente seus coobreiros e igualmente os membros. Chamou-lhe a atenção para um bom número de nomes de pessoas: Figelo, Hermógenes, Onesíforo, Himeneu, Fileto, etc. (II Tim. 1:15 e 16; 2:17); Demas, Lucas, Marcos, Tíquico, Alexandre, Prisca, Áquila, Onesiforo, Erasto, Trófimo, Êubulo, Pudente, Lino e Cláudia (II Tim. 4:10-21). Na carta de Paulo aos Romanos há cêrca de trinta nomes mencionados (Rom. 16:1-27).

Por que Deus preservou êstes nomes no Registro Sagrado? Uma razão é que a leitura dêles, com o comentário que Paulo lhes acrescenta, revela pequenas alusões da mais alta importância em conhecermos a atitude paulina para com seus cooperadores, com os membros de igreja e com a obra como um todo. Paulo dá a cada um seu apelido especial. Sendo embora parcimonioso ao referir-se à capa, livros e pergaminhos (II Tim. 4:13), os quais solicita que Timóteo traga consigo, não faz economia de espaço no pergaminho que tem à mão, sobre o qual se escreverão os muitos nomes que dita. Cada um parece ser-lhe importante, e a cada um acrescenta uma referência afetiva. De que modo expressivo êstes nomes revelam o afeto de Paulo pelos coobreiros e membros de igreja! O verdadeiro ministro que vigia a saúde espiritual dos membros de sua igreja, como o médico cristão faz com os pacientes no hospital, manifestará genuína afeição em favor dêles.

Não é verdade que "o preço da redenção de uma alma é caríssima" para muitos de nós, co-

mo diz o Salmo 49:8? Paradoxalmente, por um lado procuramos orgulhar-nos do Evangelho, e por outro nos envergonhamos da afeição espiritual cristã que êle institui em favor do próximo?

Afeto Cristão

Jesus amou todos os homens, e amou-os até o fim (S. João 13:1). Instituiu a ceia do Senhor como veículo de comunhão de amor entre o Salvador e os salvos. Jesus jamais se envergonhou de Seus puros sentimentos de afeição. Os apóstolos pareciam envergonhados da afeição das mães que traziam os filhinhos a Jesus para que impusesse as mãos sobre êles e os abençoasse (S. Mat. 19:13). É dêste contato pessoal que se necessita—o leve toque na cabeça de uma criança, o vivo apêrto de mão, a atitude amistosa, o franco fixar nos olhos. O unguento e perfume da vida dos cristãos amorosos são grandemente reclamados hoje, pois "com os bons conselhos do amigo se banha a alma em doçura" (Prov. 27:9 Trad. Figueiredo), e sem êles podemos estar oprimindo uma alma anelante ou quebrando uma cana trilhada (Isa. 42:3). Não desenvolvendo o afeto natural da pura amizade cristã, podemos vender uma alma ao mundo abandonado às afeições desnaturadas e pecaminosas.

Como eram diferentes os ensinoss de Jesus e Suas atitudes para com os homens, em comparação com os dos fariseus! A ênfase externa dêstes suscitava o desejo de os homens e as coisas aparecerem com belo aspecto exterior. Eram solícitos em observarem coisas que não ofereciam dificuldades, sem a aplicação pessoal dos mais importantes princípios da lei. A misericórdia e a fé eram alheias aos seus planos. Que poderiam esperar êstes dirigentes senão a crítica mesmo dos bons membros de igreja? Devemos estar precavidos para não seguirmos sua má liderança. A medida que mais se intensificam os dias de provação, quão importante é que os pastôres conheçam os membros para que, no tempo em que êstes estejam em necessidade, aquêles saibam ministrar-lhes.

Habilidade em Tratar com Elementos Discordantes

Em I Timóteo 5:22, Paulo admoestou os obreiros a não imporem as mãos precipitadamente a homem algum. Nunca é correto ex-

cluír um membro da comissão da igreja sòmente pelo fato de não ser um homem que concorde com tudo. É melhor ter membros assim participando dos encargos da igreja do que deixá-los entregues à sua crítica. Se já se acham prejudicados por causa de suas idéias próprias, a sua exoneração da igreja e de suas atividades pode causar-lhes completa apostasia. Uma expressão de confiança em sua sinceridade e consagração poderá reavê-los. Pelo ouvir seus argumentos, o pastor poderá descobrir a chave para abrir seus corações. O deixá-los completamente abandonados não os modifica, e poderá exacerbá-los. Não se lhes deve permitir que sejam intratáveis em suas atividades cristãs. O amor fraternal abrandará corações.

O Toque Pessoal do Amor

Em seu Evangelho, Lucas registra muitos pormenores importantes acêrca do toque pessoal do ministério amoroso de Cristo. Ele nos conta como antes da negação de Pedro, Jesus orara por êle. S. Lucas registra que foi o próprio Jesus que chamou a Zaquieu para que descêsse do sícomoro, e lhe disse: "Pois me convém hoje ficar em tua casa." S. Luc. 19:5. Êste homem pequeno devia ser muito desprezado pelos seus concidadãos, tanto por ser um publicano como pela pobreza de sua estatura. Diríamos hoje que Zaquieu sem dúvida tinha um complexo de inferioridade, não ousando apresentar-se frente a frente. Jesus compreendeu-lhe a atitude e a diligência ocultas. Sua psicologia pastoral provou-se de grande valor na experiência com a alma dêste homem nânico, no sentido de mudar-lhe a vida.

Engrandecei Vosso Serviço

O mundo moderno aguarda a manifestação do Espírito de Jesus na vida de Seus seguidores. Encareçamos hoje Seus princípios cristãos! Encareça o pastor sua atividade ministerial num consagrado serviço de amor. (Rom. 11:13.) Num tempo como êste, todo obreiro precisa buscar mostrar-se "aprovado [diante de Deus], como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade." (II Tim. 2:15.) Os pastôres, como médicos espirituais, precisam aplicar os remédios do Céu às presentes enfermidades na igreja. (I Cor. 11:30.) Em Seu nome e pelo Seu poder deve tornar em fôrça a fraqueza das famílias que permanecem estêreis e infrutuosas no conhecimento de Cristo e de Sua justiça.

Pastôres, engrandecei vosso serviço! Alegrai vosso coração. Modelai vosso intelecto! Aprofundai vossas convicções! Intensificai vosso amor! Engrandecei, sim engrandecei vosso ministério! O povo remanescente de Deus deve aproximar-se em amor e comunhão cristãos. Não pode ser desestimado. Não devem "intentar o mal" em

seu coração contra o seu irmão. (Zac. 7:10.) Precisam desfazer-se de todos os conceitos de idolatria, justiça própria, contendas e discórdias. Não devem regozijar-se na iniquidade de quem quer que seja. Em todos êstes santos empreendimentos, o pastor é a chave individual, e age como pastor-médico. Pelo exemplo próprio pode demonstrar que "o amor nunca falha" (I Cor. 13:8), que "a caridade... não suspeita mal", mas "tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta". (I Cor. 13:4, 5 e 7.) Todo verdadeiro pastor-médico, por preceito e por exemplo, procurará levar sua congregação a engrandecer o amor pela irmandade e em mútua associação com Cristo.

Nós que somos pastôres e médicos devemos orar incessantemente para que Deus nos torne não sòmente justos e santos mas também bondosos e indulgentes. Não há verdadeira comunhão cristã possível sem o espírito de um recíproco suportar dores e tristezas. (Isa. 53:4) Considerações egoístas e contendas ainda que por causa da justiça podem desviar almas e prejudicar a verdade. Os séres humanos são mais que meros instrumentos ou veículos que podem ser deixados de lado ou abandonados à vontade. Ainda que o obreiro, bem como os membros da igreja, não possa atingir a estatura de Jesus, apesar disso procura ter a mente de Cristo e negar-se a si mesmo, embora a ponto de aniquilar-se (Fil. 2:5-7), para que possa "suportar" a carga do rebanho e desta forma "cumprir a lei de Cristo". (Gál. 6:2.)

O cristianismo com visos farisaicos de teólogos-doutôres e dogmatistas não resolverá os íntimos problemas humanos de hoje. A incessante análise do homem que modernamente fazem os psicólogos, educadores, médicos e psicotécnicos, constitui um desafio aos pastôres-médicos da igreja adventista. Homem algum na Terra foi tão abençoado com os princípios de cura mental, física e espiritual. Reestudemos, com espírito de oração, êstes remédios restauradores da vida e de tal forma ministremos que aquêle bálsamo de Gileade possa restaurar física, mental e espiritualmente a saúde do povo de Deus.

...Existem 1589 igrejas protestantes na cidade de Nova York, servidas por 1498 clérigos. Os protestantes mantêm sessenta e três escolas (internatos e externatos), nessa mesma cidade, em Nassau e em Westchester. Lideram nesse particular os Luteranos, com dezoito, seguidos dos Escoceses, com catorze. Os Adventistas do Sétimo Dia mantêm nove dessas mesmas sessenta e três escolas.



Potencial Evangelizante do Ofício Fúnebre

JOÃO TABUENCA

Pastor da Igreja Central, Montevideu, Uruguai

DEUSS tem uma linguagem para cada homem e para cada circunstância da vida. A dor expande a mente e o coração, e nos predispõe, como talvez nenhuma outra circunstância, para escutarmos essa linguagem divina.

O homem é poderoso, e lança-se a tôda a sorte de emprêsas, dando asas à sua imaginação, suas paixões, sentimentos, emoções e vontade. Constrói e destrói. Ensoberbece-se e julga-se capaz de resolver problemas e tomar resoluções. Ao traçar planos, presentes ou futuros, poucas vêzes consulta outros. Analisa e julga. Age e deixa de agir, segundo as circunstâncias. Freqüentemente corre de manhã até à noite, desde o berço até ao túmulo, procurando viver em seu mundo, e outras vêzes, ignorando-o.

As raças e povos diferem entre si na linguagem, nos costumes, na religião, nas ideologias políticas, e noutras coisas. Apesar disso, todos os homens do mundo, de qualquer raça, cultura e posição social, têm uma linguagem comum: a linguagem da dor, que se apresenta de maneiras diferentes na vida dos seres humanos.

Quando um ente querido é chamado para o descanso, o mistério da vida e da morte predispõe o espírito humano à análise e séria reflexão. Muitos, quem sabe pela primeira vez, se detêm diante do quadro da morte para se encontrarem a si mesmos, com os demais e com o Ser Supremo. A impressão varia em profundidade, de acôrdo com o grau de afeição que se teve para com o ente arrebatado pela morte. Pela sua mente passam pensamentos que antes ali não teriam lugar. Seus sentimentos, fundamentalmente afetados pela dor, o predispõem a escutar alguma coisa que em outras circunstâncias jamais sentiu necessidade de atender.

Os momentos de dor diante da pessoa gravemente enfêrma são áureos, e devem ser aproveitados sob a direção divina, tanto para benefício do enfêrmo, como de seus familiares e amigos. Quando a morte arrebatava um ente querido, a voz do servo de Deus que fala com sa-

bedoria deve ser ouvida para dar a palavra “temperada com sal”.

O ofício fúnebre pode ser um verdadeiro potencial evangelizador se empregado na maneira devida. Para muitos poderá ser a única ocasião na vida para ouvir a Palavra de Deus. Para quantos, o caminho da verdade começou ao pé de um esquite ou diante de uma sepultura aberta! Nestes momentos, o homem e a realidade se encontram frente a frente. O Espírito de Deus opera de modo especial se o pastor fêz o devido preparo, e se pediu ao Senhor que utilize estas circunstâncias para que, de algum modo, alguma alma se entregue a Ele. Vi em muitos ofícios fúnebres rostos iluminados que evidenciavam que o poder de Deus se estava fazendo sentir em suas vidas. Vi homens e mulheres renderem-se a Cristo depois que seu coração endurecido foram quebrantados pela partida de algum ente querido. Aberto o caminho, e preparado por Deus, a semente semeada em tais ocasiões, foi regada pela chuva do Espírito Santo e produziu fruto para a vida eterna. Quantas almas entrarão no Reino por êste meio aparentemente estranho! O Senhor, que conhece a natureza humana, sabe que classe de linguagem empregar em cada ocasião, e quando chegar a hora de o ser humano escutar a voz de Deus, Ele empregará os meios que julga mais convenientes e necessários. Para que isto possa tornar-se realidade, o servo de Deus deve gozar estreita relação com o Céu, e solicitar sabedoria para cada situação desta natureza que se lhe apresente em seu sagrado ministério.

Para que o ofício fúnebre possa atingir os resultados desejados, deve ser bem planejado. Não se devem usar passagens bíblicas que dêem motivo para controvérsias religiosas; o que convém é fazer referências à gloriosa esperança da ressurreição, à vida futura, a Cristo como única esperança e meio para obtê-las, do significado desta vida, e como viver para honra e glória de Deus. A vida terrena deve ser apresentada como um dom de Deus, e que deve ser

cuidada e administrada como sabendo que devemos dar conta dela ao Ser Supremo. Deve-se apelar aos sentimentos e à razão, e fazer sentir a necessidade de estarmos sempre preparados para quando Deus nos chamar ao descanso, realçando que ninguém sabe quando será surpreendido pela morte.

Entre as passagens bíblicas que se empregam nesta espécie de ofícios religiosos, agrada-me servir-me das seguintes que convidam a uma séria reflexão: "Que é a vossa vida? É um vapor que aparece por um pouco, e depois se desvanece." S. Tiago 4:14. "Ensina-nos a contar os nossos dias, de tal maneira que alcancemos corações sábios." Salmos 90:12. "Ouvi-te em tempo aceitável e socorri-te no dia da salvação: eis aqui agora o tempo aceitável, eis aqui agora o dia da salvação." II Cor. 6:2.

Nestas ocasiões não se deve estender-se muito na exposição do tema e muito menos procurar arabescos oratórios e eloquência. As palavras sensíveis e sentidas produzem um magnífico efeito. Se há oportunidade em que devemos nos expressar com propriedade e sabedoria do Alto, é precisamente esta. Nossas palavras devem proporcionar consolação, convidar à re-

flexão e dar esperança. A oração que se eleva a Deus deve expressar um sentimento profundo e sincero.

As visitas do pastor ao lar enlutado, com a frequência que as circunstâncias permitam, serão de grande valor e darão ensejo a estudos bíblicos com os membros não crentes do mesmo. Os temas, como os que seguem, podem ser de muito valor para despertar o interesse no estudo e na investigação das Sagradas Escrituras: as promessas de Deus; a segurança de Sua companhia e direção; por que permite Deus o sofrimento? as bênçãos da dor; a Nova Terra e a certeza de estarmos lá, se formos fiéis, em companhia dos nossos queridos que já partiram e, sobretudo, a apresentação de Cristo como o grande centro e a solução de todos os nossos problemas.

Que o Senhor nos conceda sabedoria celestial para nos utilizarmos de todo recurso pôsto ao nosso alcance para a salvação de almas. Que a alegria como a dor e as variadas circunstâncias da vida humana, nos concedam oportunidade de nos pormos em contato com as almas sinceras que Deus deseja acrescentar ao Seu povo antes que termine o tempo da graça.

Passos que Levam a Decisão

FORDYCE W. DETAMORE

Evangelista da Associação do Texas

O PASTOR deve tornar o mais fácil e natural possível a entrada das ovelhas no aprisco. O ministro deve tornar o mais fácil e natural possível a entrada das pessoas na igreja. Jesus atraía Seus ouvintes. Produzia nêles um desejo para a vida eterna. Por conseguinte, os passos que levam ao reino seguiam-se mais naturalmente.

O próprio sermão evangelístico conduz à decisão e à ação. Quase não tem havido outro objetivo no apêlo que se acrescenta no final de uma prédica, que o de convidar os ouvintes à decisão e ao trabalho. O sermão e o apêlo para a decisão devem fundir-se numa só coisa. As maneiras de se fazerem apelos, que a seguir indicamos, provaram-se muito eficazes em vários países e sob condições variáveis.

Apelos Que se Atendem com a Mão Erguida

Cada noite se deve dar à assistência oportunidade de atender ao apêlo. A maneira mais fácil de responder é pelo levantar da mão em sinal de que se deseja auxílio especial, enquanto

os olhos estão fechados e a cabeça inclinada em oração silenciosa. Estando os presentes nesta posição torna-se o apêlo mais fácil tanto para o ministro como para os ouvintes.

Um dos motivos por que receamos fazer apelos é o temor de que a reação seja fraca. Uma das razões por que não realizamos mais reuniões evangelísticas é o receio de que não sejam muito bem sucedidas. Não é pena que sejamos tão temerosos do que outros pensem de nós?

Sobrecarregamo-nos de ocupações com tóda a forma de atividades outras, atendendo aqui e ali, movimentando-nos em campanhas, convencendo-nos a nós mesmos de que não temos tempo para reuniões evangelísticas. Na verdade é nosso mêdo de fracasso em grande parte responsável pela falta de evangelistas entre nós.

Receamos fazer apelos e que ninguém os atenda. E esquivamo-nos da solene responsabilidade, argumentando que os apelos são de natureza a produzir emoções. E, acima de tudo, a educação mais elevada é oposta à emotividade!

Podeis pensar que nosso objetivo é visar principalmente o intelecto em vez do coração. Os apelos de Jesus dirigiam-se diretamente ao coração. Deixava que os escribas e fariseus se dirigissem ao intelecto.

Se os apelos iniciais são feitos, estando todos com os olhos cerrados e a cabeça inclinada em oração, o ministro não deve sentir-se temeroso em apelar, pois os demais não podem ver quantos estão ou não atendendo. Por outro lado, as pessoas se sentirão mais à vontade em atender quando sabem que outros não as estão observando. E por que devem os curiosos olhar para os que estão em lutas e reações no vale da decisão?

No final do sermão o ministro inclina a cabeça e ora. A seguir, faz uma pausa para dar aos outros oportunidade de pedirem oração especial para eles.

O apêlo feito na reunião da noite pode ser assim formulado: "E agora, enquanto vossa cabeça está reclinada em oração, gostaria de saber quantos de vós desejais oração especial para que o Senhor vos ajude a vencer o vício do fumo. Por favor, levantai vossa mão, e depois abaixai-a . . . Há mais alguém?" Segue-se a oração de encerramento.

Cada apêlo feito na noite da conferência deve estar de acôrdo com o tema apresentado. Em tôdas as noites, porém, haverá um apêlo para erguer a mão, exceto nas noites em que se fizer outras espécies de apêlo. Alguns dêstes apelos são de ordem geral, para estimular a todos a responderem. Outros são específicos e aplicam-se a uma parte menor da assistência; contudo em tôdas as noites se deve fazer algum apêlo.

Apelos Que se Atendem Ficando de Pé

De quando em quando é aconselhável pedir resposta mais vigorosa do que o levantar a mão. Depois de um sermão sôbre os três hebreus na fornalha ardente, por exemplo, o apêlo pode ter êste fraseado, enquanto tôdas as cabeças se acham inclinadas em oração:

"Gostaria de saber esta noite quantos de vós estais considerando maduramente vossa decisão no sentido de seguir a verdade sem reservas. Há um passo final e completo que deveis tomar a fim de serdes salvos, e esta noite podeis exprimir êste pedido: 'Orem por mim a fim de que possa ter coragem e fôrça para me decidir antes que seja demasiado tarde.' Quereis levantar-vos e depois vos sentareis de novo? Não vos estou pedindo que venhais para a frente ou que vos unais à igreja, nem vos estou pedindo nome e enderêço; quero, porém, mencionar-vos em oração especial para que não adieis por muito tempo a decisão. Quereis agora levantar-vos? . . . Há mais alguém?"

Segue-se a oração de encerramento, lembran-

do-se o ministro das pessoas que se levantaram. Isto encoraja mais a levantar do que apenas erguer as mãos. Dessa forma, êste segundo passo fortalece gradualmente os que estão no vale da decisão para que cheguem à resolução final: o batismo.

Depois das Reuniões

De quando em quando é aconselhável pedir a um número de pessoas em particular que permaneçam para uma breve reunião depois da conferência. Pode ser um apêlo para permanecerem para uns momentos de oração ou instruções especiais.

Êstes contatos após as reuniões fazem que os que buscam a verdade e o ministro estejam em mais íntima relação, e constituem maneira eficaz de provocar interêsse mais definido. Há muitas maneiras de dirigir estas breves reuniões, de sorte que não podemos tratar delas neste rápido estudo. Constituem na verdade um assunto completo que deve ser considerado em si.

Apelos Para Vir à Frente

Na sexta-feira à noite, antes do apêlo para a consagração e para o batismo — o que se fará no primeiro sábadô à tarde — dirigimos o primeiro apêlo para os interessados virem à frente. O sermão desta noite terá por título: "É necessário ser batizado para ser salvo?" É, de acôrdo com as Escrituras. Receio que, como ministros adventistas do sétimo dia não tenhamos realçado, como devíamos, que o batismo é obrigatório para a salvação. Reconhecemos, naturalmente, impossibilidades físicas, como a do ladrão na cruz, o moribundo inválido, o prisioneiro, etc. Estas, porém, são exceções extremas. Temos que acentuar também o perigo do adiamento do batismo a quem já viu a luz da verdade.

No final do sermão tôdas as cabeças estão reclinadas em oração, como de costume. E então se fará um apêlo geral para os interessados se dirigirem à frente: "Esta noite desejamos que todos os que crêem em Deus, que, em oração, venham à frente, permanecendo de pé em volta da plataforma, com a cabeça inclinada e em oração silenciosa enquanto dirijo a oração de encerramento. Todos se levantarão e virão à frente, acomodando-se perto da parte dianteira da plataforma.

"E agora, enquanto permaneceis com a cabeça inclinada em oração, desejo saber quantos aqui esta noite têm problemas definidos que lhes amarguram o coração.

"Em primeiro lugar, quantos de vós tendes familiares e amigos amados que ainda não se entregaram a Deus, e desejais que êles sejam lembrados em nossa oração especial? Quereis levantar a mão em favor dêles? (Quase tôdas as mãos se levantam.)

“Em segundo lugar, quantos de vós tendes algum problema definido e necessitais de auxílio; talvez o vencerdes o vício de fumar; talvez o conseguirdes um trabalho com o sábado livre para poderdes guardar o quarto mandamento; talvez o vencerdes pensamentos impuros ou mau gênio. Qualquer que seja vosso pedido específico para vossa necessidade, quereis levantar a mão e depois abaixá-la?”

“Em terceiro lugar, gostaria de saber quantos estão pensando seriamente no batismo ou rebatismo, e desejam dizer: ‘Lembrai-vos do meu caso na oração especial desta noite para que Deus me possa guiar na decisão para o batismo [ou rebatismo]’, queiram levantar a mão, e depois abaixá-la, por favor? — todos entre vós que estais considerando seriamente o batismo ou rebatismo. Há muitos.”

E a seguir se faz a oração de encerramento, mencionando-se o grupo de pessoas que se levantaram e seus pedidos. No final da oração, pode-se acrescentar este anúncio:

“E agora, mais uma palavra antes de deixeis este recinto. Amanhã, à tarde, depois do nosso sermão sobre ‘O Filho Pródigo’ [ou outro sermão apelativo], daremos oportunidade aos que aspiram o batismo para registrarem seu desejo. Naturalmente ninguém será batizado amanhã, mas ser-vos-á dada a oportunidade de expressar vosso desejo e preparar-vos para esta cerimônia. Podeis voltar aos vossos lugares e fazer disto assunto de oração especial.”

Ao despedir o auditório, deve-se cantar um hino apelativo, de modo bem suave, como o n.º 129 ou 130 do nosso hinário. Geralmente depois do culto nos reunimos com pastores e oficiais da igreja local para um concerto de oração em favor dos que estão no vale da decisão, e aos quais se fará o apêlo para a entrega completa a Deus no dia seguinte.

O Apêlo Para a Consagração

Nossos apelos para a consagração devem ser feitos nas tardes de sábado e, naturalmente, também no domingo à noite em que se encerra a série de conferências.

No final de um sermão apelativo de meia hora, começaremos a orar como nas reuniões da noite, porém este apêlo será diferente:

“E agora, enquanto inclinais a cabeça para a oração, quero fazer um convite a todos os que estão cogitando de serem batizados ou rebatizados, para virem à frente dentro de alguns momentos, e assentarem-se aqui em frente à plataforma. Alguns de vós jamais foram batizados por imersão. Possivelmente tivestes apenas o batismo infantil. Deveis dar o passo para o batismo completo, e virdes para a frente hoje.

“Em segundo lugar, quero incluir também aqueles que foram batizados por imersão, aos

quais chegou a luz adicional da verdade e desejam dar um passo adicional unindo-se à igreja dos que observam os mandamentos de Deus. Estes, também, devem vir à frente. Podeis ser admitidos à igreja que guarda os mandamentos de Deus, por voto da igreja ou pelo vosso batismo anterior se preferirdes, mas vinde à frente hoje para exprimirdes vosso desejo de preparar-vos para pertencerdes à igreja!

“E, em terceiro lugar, desejo também incluir os presentes que fizeram parte do rebanho mas por algum tempo estiveram afastados, e hoje desejam demonstrar o desejo de retornar ao aprisco. Quereis também, por favor, vir à frente a tomar assento aqui em frente?”

“Lembrai-vos, ninguém será hoje agregado à igreja. A cada um se dará uma oportunidade de estudar plenamente e recapitular todos os pontos da fé antes de serem admitidos na igreja. Mas *vinde* à frente agora, enquanto o coral canta suavemente, e sentai-vos na frente. . . . Quem se levantará para vir? . . . Quereis vir agora.”

O ministro descerá até à assistência para cumprimentar os que se dirigirem à frente. Pedirá aos que se acham assentados à frente que cedam lugar aos que estão vindo. Se a fileira da frente lotar, pedirá aos da segunda que, por gentileza, se retirem em silêncio para trás, dando lugar a mais pessoas que fizeram decisões.

Este apêlo é dirigido, estando a assistência assentada, com a cabeça reclinada em oração, e enquanto o coral prossegue cantando cânticos apelativos.

Depois de seis a oito minutos de apêlo, o evangelista acrescenta: “Se alguém de vós tem amigos ou pessoas amadas neste local, também no vale da decisão, desejo que lhes faleis uma palavra de encorajamento para que venham à frente. Não raro, uma palavra de estímulo ajudará alguém, indeciso, a lançar sua sorte ao lado do bem, e no dia do juízo ninguém poderá lançar isto contra vós porque o ajudastes a encontrar a vida eterna.”

Este é o sinal para os coobreiros e leigos falarem aos que devem vir para a frente.

Ao nos aproximarmos do fim do apêlo, pediremos aos presentes (não os que vieram à frente) que fiquem de pé enquanto o coral entoará as três últimas estrofes antes de concluir o apêlo. Desta forma os que pretendem decidir-se saberão que o apêlo está prestes a terminar definitivamente.

Terminadas as três estrofes do hino, acrescentamos: “E agora, antes da oração de encerramento, gostaria de saber quantos dos que não vieram à frente estão cogitando da decisão, e que desejam expressar erguendo a mão: ‘Lembrai-vos de mim na oração para que Deus me ajude a considerar minha decisão para que não

a adie por muito tempo' — por favor levantem a mão. Obrigado.”

Segue-se então oração final, e nela nos referimos aos que ergueram a mão por oração especial bem como aos que vieram à frente.

A assistência é despedida, e então entramos em contato com aqueles que vieram à frente, obtendo seus nomes e endereços, anunciando-lhes o horário da classe batismal (denominan-

do-a de “classe bíblica especial”) e orando com eles antes que se vão embora.

A classe batismal deve ser imediatamente organizada. Isto é indispensável. Pediremos a todos que venham tôdas as noites, de segunda a sexta-feira. Nesta altura, é assaz perigoso demorar, e quanto mais longo o tempo entre a decisão e o batismo — haverá mais desistências. “Eis aqui agora o tempo aceitável, eis aqui agora o dia da salvação.”

A Arte do Evangelismo Pessoal

SIMÓN R. JOHNSON

Pastor da Associação de Potomac

O EVANGELISMO nos seus mais amplos aspectos inclui todos os esforços destinados a levar o homem ao conhecimento de Deus, e a ter comunhão com Ele. É o grande manancial da religião cristã, a nascente de todo o seu crescimento, conquista e expansionismo. Sòmente quando as ovelhas são procuradas e salvas, é que o reino de Deus há de ser estabelecido.

O evangelismo pessoal é uma obrigação para todos os ministros adventistas do sétimo dia. O pregador ou pastor-evangelista de êxito acha um lugar no seu programa para a obra pessoal. Sua responsabilidade estende-se do púlpito até os lares do povo. Muitos dos que não pertencem a nenhuma igreja não são capazes de freqüentar uma reunião pública e precisam ser alcançados onde se encontram. Na obra de ministrar às almas, ninguém que possa ser alcançado dentro das possibilidades humanas, deve ser omitido. Nossa responsabilidade torna necessário o entrarmos nos lares do povo. Podemos estabelecer estreitos contatos pessoais com o homem de posição e com o humilde, com o rico e com o pobre.

Sòmente quando a flama do evangelismo arde vivazmente no púlpito pode ser transmitido aos que estão nos banços da igreja. A menos que o pregador esteja disposto a pregar em favor das almas — de modo ardente, convincente e veemente — não é provável que o obreiro voluntário experimente um desejo ou impulso evangelístico. O ministro, como dirigente espiritual, deve estar sempre alerta em unir pessoas ao Cristo vivo. Se não tem nenhuma paixão por almas, sua congregação refletirá esta falta de zêlo. Os membros da igreja precisam ver seu pastor inflamado com o fogo que ganha almas, que estimulará o amor dêles pelos perdidos e os desperta para o trabalho.

Satisfazer as Necessidades do Povo

A ausência do espírito de evangelismo pessoal

é responsável pela impropriedade de muitos sermões, que freqüentemente não satisfazem as necessidades do povo. Êstes sermões deixam a impressão de que o pastor está apenas apresentando alguma coisa para preencher o tempo designado, em vez de cogitar nos presentes e suas necessidades.

A visitação entre os membros ajuda o pastor a descobrir as necessidades dêles, e de maneira mais apropriada, considerá-las nas apresentações do púlpito. O conhecimento do pastor deve ser tanto teórico como prático. O trabalho ativo em favor de outros enriquecerá sua experiência que fundada com a teoria o habilitará a apresentar mensagens realmente novas e encorajadoras. As mensagens baseadas na experiência pessoal são entendidas fàcilmente pelos obreiros voluntários e empresta real inspiração para um serviço eficaz em favor de outros.

Mais almas são ganhas para Cristo pelo evangelismo pessoal, de casa em casa, do que por qualquer outros métodos combinados. O pastor é num sentido o chefe da igreja que recruta dirigentes, e dêle se espera que dirija com empenho. Ocorre indescritível alegria quando se ganha uma alma para Cristo. O enriquecimento espiritual é a recompensa do pastor que continuamente vai pelos caminhos e valados em busca daqueles que podem ser conduzidos a Cristo na entrega de suas vidas ao Deus vivo. Desta forma está o ministro fazendo a obra de verdadeiro pastor — alguém que se dispõe a ir a qualquer distância, a qualquer direção, a qualquer profundidade para alcançar a ovelha. Os conversos que forem ganhos mediante o trabalho pessoal são os mais prováveis a permanecerem fiéis à mensagem; haverá menos apostasias entre eles.

O Essencial Para o Êxito Evangelístico

Para fazer um serviço assim requer-se espírito consagrado e disposto, além de um senso

de se estar divinamente designado para esta missão. O evangelismo pessoal aprofunda-se até às raízes das necessidades humanas. Constitui o segredo de obter decisões pessoais para Cristo. Nenhuma forma de evangelismo é completa sem ele. Na igreja apostólica era ele a testemunha pessoal espontânea que resultou no derramamento do Espírito de Deus. Quando os cristãos estiverem cheios do Espírito serão impulsionados por tão intenso amor pelas almas que estarão inflamados para Cristo. Tornam-se rastos luminosos para Deus.

Este desejo de testemunhar deriva não apenas de uma obrigação moral, mas principalmente de uma compulsão divina. Únicamente pelo esforço consagrado pode alguém tornar-se eficiente nesta espécie de ofício altamente especializado. Não se deve apenas demonstrar zelo sem entendimento. As oportunidades do evangelismo pessoal exigem tempo, eficácia, diligência e tato. "Há necessidade agora de transmitir ao povo instrução paciente e amorável; . . . grande tato e paciente esforço são necessários aos que devem apresentar a verdade de alguma maneira." — *Evangelism*, pág. 228.

A Instrutora Bíblica

A instrutora bíblica, é também semelhante ao semeador que lança a semente. Entrando nos lares do povo, e dizendo-lhes a palavra certa no tempo certo, ela ajuda a derrubar barreiras de preconceito, da ignorância e da incorreta maneira de viver. Dessa forma se ganham pessoas que jamais seriam alcançadas se não se lhes levasse a mensagem diretamente. Quando os evangelistas, pelo trabalho pessoal, visitam o povo em seus lares e apresenta-lhes a verdade com singeleza e sinceridade, o Espírito de Deus moverá os corações.

Os estudos bíblicos e conselhos dados nos lares capacitam a instrutora a atender cada pessoa nos seus problemas pessoais, no sentido de tomar decisões acertadas e conseqüente adaptação à vida. Mediante oração fervorosa e a direção do Espírito Santo, a obreira pode descobrir os problemas fundamentais da pessoa e mudar sua maneira de pensar. Estas decisões feitas nos lares produzem fruto no evangelismo público.

No livro *Evangelism*, diz a autora: "Há necessidade de nos aproximarmos mais do povo pelo esforço pessoal. Se menos tempo se empregasse em fazer sermões, e mais no ministério pessoal, maiores resultados se veriam. . . . Cumpre-nos chorar com os que choram, e alegrar-nos com os que se alegram. Acompanhada pelos poderes da persuasão, da oração e do amor de Deus, esta obra não ficará, não poderá ficar sem fruto." — Pág. 459.

A instrutora bíblica mantém-se em estreito

contato com aqueles que comparecem às reuniões públicas. Colocar-se-á na posição de recepcionista, familiarizando-se com o povo, conhecendo seus nomes e suas fisionomias, utilizando-se destes contatos como meios para, com mais facilidade, ser admitida nos lares.

Alcançando o Coração

A arte do trabalho pessoal é a arte de alcançar o coração. O obreiro ou ministro pode possuir alto grau de erudição, o dom da oratória, maneiras polidas, notável capacidade de ensinar; precisa, porém, conhecer a arte de lidar com as necessidades espirituais das pessoas, de maneira pessoal e íntima, se quer ser um ganhador de almas bem sucedido. A personalidade, sem o auxílio do Espírito Santo, é sem poder. O mero esforço humano é inútil. Se o problema íntimo da pessoa não é resolvido, a alma não está sendo auxiliada espiritualmente. Convencer apenas a pessoa da verdade e das doutrinas e deixar-lhe o coração vazio e desprovido do amor de Jesus, é fracassar completamente no esforço evangelístico.

Constante Aprendizado na Escola de Cristo

O jovem ministro precisa aprender constantemente na escola de Cristo as lições ensinadas por Ele. O Mestre deu um exemplo do evangelismo pessoal bem sucedido em Sua entrevista individual com a mulher no poço, com Nicodemos e muitos outros. Seu apêlo pessoal alcançava o coração das pessoas mais frias e cheias de preconceito em Seus dias, tanto judeus como gentios. Suas palavras e Seu amor penetravam os mais íntimos recessos da alma com tal persuasão e ternura que levava cada um à descoberta das necessidades pessoais e a uma completa rendição ao Deus vivo.

Ouvimos com certa freqüência de membros que apostatam e caem pelo caminho. Milhões de outras pessoas, quase submergidas na degradação e no pecado, estão também desesperadamente em necessidade de auxílio. A aspiração todo-absorvente tanto do ministro como dos obreiros voluntários deve ser levar o último convite do Evangelho de Deus àquelas almas perdidas. O crescente desafio do tempo exige que o jovem ministro una seus esforços pessoais com o Mestre, e se torne um coobreiro com Deus na salvação de seus familiares, vizinhos e amigos. Por que nós, que dispêndemos esforços quase sobre-humanos para salvar homens e mulheres da morte num edifício em chamas ou de um carro que se incendia, somos inclinados a hesitar em livrá-los de um mundo que logo estará envolvido em chamas? Esta hora premente exige os maiores esforços de nossa história.

Regras de João Wesley para o Canto Congregacional

CÊRCA de duzentos anos atrás João Wesley deu estas "Regras para o Cântico Congregacional." Na primeira leitura o leitor se divertirá com a maneira exótica de êle dizer as coisas — e pode até irritar um bocado. Mas esperamos que leia outra vez e descubra nelas a verdade.

1. Aprender estas melodias antes de outras; depois aprender quantas mais quiser.

2. Cantá-las exatamente como estão impressas, sem nenhuma alteração nem correção; e se houver aprendido a cantá-las de outro modo, desaprenda o mais cedo possível.

3. Cantar *tôdas*. Tratar de cantar com a congregação tão freqüentemente quanto puder. Não deixar que um pequeno grau de fraqueza ou de tédio o prejudique. Se vos é uma cruz, tomai-a, e ser-vos-á uma bênção.

4. Cantai *vigorosamente* e com bom ânimo. Guardai-vos de cantar como se estivésseis meio-mortos ou meio-dormentes; mas alçai a voz com vigor. Não estejais mais temerosos da vossa voz agora, nem mais envergonhados de que ela seja ouvida, do que quando cantais os cânticos de Satanás.

5. Cantai com moderação. Não gritar como para ser ouvido acima ou distintamente dos demais da congregação — para que não destruais

a harmonia — mas esforçai-vos por unir a voz às demais para produzir um som melodioso claro.

6. Cantai *a tempo*. Qualquer que seja o compasso do cântico, estai certos de segui-lo. Não corrais adiante nem fiqueis atrasados; mas acompanhai as vozes líderes, e segui-as tão exatamente quanto puderdes; e tratai de não cantar *vagorosamente demais*. Esta pachorra apossa-se naturalmente de todos os preguiçosos; e é alto tempo de expulsá-la dentre nós, e cantar todos os nossos cânticos tão rapidamente quanto o fazíamos a princípio.

7. Acima de tudo cantai com *espiritualidade*. Mantende os olhos postos em Deus com cada palavra de vosso cântico. Buscai agradecer-lhe mais do que a vós mesmos, ou a qualquer outra criatura. Para fazer isto atentai estritamente para o sentido do que cantais, e vêde que vosso coração não seja carregado com a melodia, mas oferecido continuamente a Deus; assim vosso cântico será tal que o Senhor o aprovará e galardoadrá quando vier nas nuvens dos céus. — (Transcrito do *Pasadenews*, publicado pela Primeira Igreja Presbiteriana Unida, Pasadena, Califórnia, Pastor Ralph M. Grove.)

O Terror da Emoção

Não pode a emoção ser erradicada da vida. Nenhuma pessoa compreensiva o deseja. Anular a personalidade humana e remover todo sentimento arraigado é tarefa impossível, e se fosse viável, deixaria a vida realmente estéril. Imaginai a vida sem os ardentes transportes do amor; concebi uma família em que cada pessoa agisse apenas com frio senso do dever; suponde um jovem a propor a uma moça que com êle se case, mas havendo-lhe cautelosamente explicado de antemão que por ela não nutre nenhuma afeição. . . . Não pode a vida ser concebida dessa maneira. Finda ela assim numa vasta absurdidade.

Aplicai êsse conceito à religião. Exigi que o arauto de Deus anuncie o oferecimento de seu Rei, de perdoar liberalmente e abundantemente abençoar, mas firmemente proibir que qualquer transporte de regozijo acompanhe, quer

o anúncio das novas quer a alegre recepção da mesma . . . e pedir-lhe-eis o impossível.

O terror da emoção na manifestação religiosa atingiu culminâncias extremas, e alguns críticos parece suspeitarem de qualquer conversão que não ocorra num refrigerador!

Não resta dúvida de que tem havido perigos no emocionalismo. O evangelismo que atinge o coração sem nenhum apêlo ao cérebro, e suscita "decisões" patéticas como por uma rajada de sentimentos, mas absolutamente inconsciente do que faz, é indigno e desonra a Deus.

Mas isso não elimina em nós a emoção. O homem que berra numa partida de futebol ou de basquete, mas fica angustiado ao ouvir o pecador chorar aos pés da cruz, e murmura alguma coisa quanto "aos perigos do emocionalismo", dificilmente merece respeito esclarecido. — W. E. Sangster, em *Let Me Commend*.



As Três Cruzes do Calvário

Textos:

Marcos 15:27 e 32 úp.

Lucas 23:39-43 (trad. Trinitária)

I - A CENA DO CALVÁRIO

Fora dos muros de Jerusalém, situava-se o local da crucifissão.

Por que "calvário"? Do latim "calvarium", caveira. Nos evangelhos está "golgotha", com o mesmo significado.

Duas suposições: a) de que o local era um pequeno monte que, à distância, assemelhava-se a um crâneo humano; b) o local não era um monte, mas sim apenas o lugar das execuções, existindo nas imediações ossos e crâneos de executados insepultos.

Na ocasião ali se encontrava Jesus, cravejado no madeiro infamante.

"Com Ele dois malfetores". A Bíblia não lhes dá o nome. Há um documento antigo, chamado "Acta Pilati" (Atos de Pôncio Pilatos) e nêle se afirma que o malfetor crucificado à direita de Jesus, chamava-se "Dimas" (o penitente) ao qual a tradição chama de "bom ladrão"; e o malfetor à esquerda de Cristo chamava-se "Gestas" (o impenitente) que a tradição averba de "mau ladrão". Além destes dois, havia outro que esteve detido em Jerusalém, que devia ser executado nessa mesma ocasião e ocupar a cruz do centro, precisamente a cruz de Jesus. Esse outro malfetor era Barrabás. Deveria ser executado, não fôsse o incidente conhecido. Quando Pilatos propôs ao povo soltar um prisioneiro, na Festa, foi preferido Barrabás e por isso Jesus foi mandado à cruz.

Barrabás, segundo se acredita, era o chefe da quadrilha a que pertenciam Dimas e Gestas. Naqueles tempos, a Judéia era infestada por ladrões audazes que chegavam até a oferecer combate aos soldados romanos que iam ao encaço dêles. Crê-se que numa dessas sortidas policiais foram presos Barrabás, Dimas e Gestas.

Jesus, na parábola do Bom Samaritano, aludiu à infestação de ladrões nas estradas da Judéia.

A multidão ali zombava e escarnecia de Jesus. Os principais dos sacerdotes, a plebe e os soldados. Os próprios malfetores também mofavam do Filho de Deus. Tal era a cena do Calvário.

II - NUMA CRUZ, UM HOMEM MORRIA NO PECADO

Era Gestas, o "mau ladrão", o impenitente. Fazendo côro à plebe e à soldadesca sedenta de frivo-

lidades e de carnavalismo, êste homem, em meio das dores da cruz em que estava amarrado, injuriava o Mestre. Não se abalou com a atitude serena do Homem do centro. Morreu endurecido. Não se impressionou com as palavras de perdão que o Mestre proferia contra os Seus algozes. Rejeitou a oportunidade... Adormeceu, selando o seu destino na destruição eterna.

Consideremos o que vem a ser morrer NO PECADO.

Morrer no pecado, é o homem rejeitar os apelos do Espírito Santo, rejeitar as oportunidades, rejeitar a graça e permanecer nas práticas pecaminosas. É endurecer-se. *Citar um exemplo.*

Apêlo para que isto não aconteça a nenhum dos presentes.

III - NUMA CRUZ, UM HOMEM MORRIA PARA O PECADO

Era Dimas, o malfetor arrependido. Também era perverso, injuriava ao Senhor, fazendo côro com a turba e com o seu colega. Mas, ao atentar melhor para a figura excelsa de Jesus, ao ouvir as palavras de perdão em favor dos algozes, cedeu, abriu o coração, não resistiu, aceitou, converteu-se. Embora sem oportunidade de uma vida de serviço cristão, morreu para o pecado. Transformou-se. Nasceu de novo.

(Historiar o diálogo de Jesus, na versão trinitária)

Foi-lhe assegurada a salvação. Quando Jesus vier em Seu reino, lá estará êste nosso irmão Dimas.

Consideremos o que vem a ser morrer para o pecado. É abandonar o mundo, suas ilusões, seus enganos, volver para Deus, guardar os Seus mandamentos, etc. Uma vida de obediência.

Apêlo para que todos possam morrer para o pecado.

IV - NUMA CRUZ, UM HOMEM MORRIA PELO PECADO

Era Jesus, nosso Salvador. Por quê? Porque o homem havia sido *destituído* da glória original da Criação, pelo pecado, pela transgressão da Lei de Deus. O salário do pecado é a morte. Devia morrer o homem. Mas Deus proveu um meio de escape, de recuperação, de redenção, uma forma de ser êle, o homem, *restituído* à glória perdida. Para isso fôra prometido Cristo, o *Cordeiro de Deus* que tira o pecado do mundo. Tal o fato que O

(Continua na pág. 24)



O Plano Divino para o Evangelismo nas Cidades

ADVERTIR AS CIDADES AGORA. — Não há nenhuma alteração nas mensagens que Deus enviou no passado. O trabalho nas cidades é obra essencial para este tempo. Quando as cidades são trabalhadas como Deus o quer, o resultado será pôr em atividade um movimento de tal poder como jamais testemunhámos. . . . Como um povo, não devemos estar meio despertos para o sentido de nossas necessidades e dos tempos em que vivemos. Desperta-se a sentinela. Nosso primeiro trabalho deve ser esquadriñar nosso coração, e sermos reconvertidos. Não temos tempo a perder, em se tratando de questões importantes. — *Medical Ministry*, pág. 304.

As trevas espirituais que cobrem a Terra toda, acham-se intensificadas nos lugares de população densa. É nas cidades das nações onde o obreiro evangélico encontra a maior impenitência e a necessidade mais premente. . . . Deus está agora chamando Seus mensageiros, de modo positivo, para que advertam as cidades, enquanto a misericórdia ainda perdura. — *Evangelism*, págs. 25 e 26.

REQUER-SE UM EVANGELISMO TOTAL. — A conversão de almas deve ser agora o nosso único objetivo. Deve ser utilizada toda facilidade que promova o progresso da causa de Deus. — *Medical Ministry*, pág. 328.

Alguns serão atraídos por determinado aspecto do Evangelho, outros, por outro. Somos instruídos por nosso Senhor para trabalhar de tal maneira que todas as classes sociais possam ser alcançadas. — *Idem*, pág. 327.

Não imaginamos a extensão em que instrumentos satânicos estão em operação nestas grandes cidades. A obra de levar ao povo a mensagem da verdade presente está ficando mais e mais difícil. É essencial que novos e variados talentos se unam, em inteligente esforço, em benefício do povo. — *Evangelism*, pág. 31.

JESUS, O EVANGELISTA. — Alguns ministros cometem o êrto de pensar que o sucesso depende de arrastar uma grande congregação pelo aparato exterior, anunciando depois a mensagem da verdade em estilo teatral. Isso, porém, é empregar fogo comum, em lugar de fogo sagrado

ateado por Deus. O Senhor não é glorificado por essa maneira de trabalhar. Não por meio de notícias sensacionais e dispendiosas exibições, há de Sua obra ser levada a cabo, mas seguindo os métodos de Cristo. “Não por força nem por violência, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.” Zac. 4:6. — *Obreiros Evangélicos*, pág. 383.

Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. . . . É necessário pôr-se em íntimo contato com o povo mediante esforço pessoal. Se se empregasse menos tempo em pregar sermões, e mais fôsse dedicado a serviço pessoal, maiores seriam os resultados que se veriam. Os pobres devem ser socorridos, cuidados os doentes, os aflitos e os que sofreram perdas confortados, instruídos os ignorantes e os inexperientes aconselhados. Cumpre-nos chorar com os que choram, e alegrar-nos com os que se alegram. Aliado ao poder de persuasão, ao poder da oração e ao poder do amor de Deus, esta obra não há de, não pode ficar sem frutos. — *Idem*, pág. 363.

NOSSO MÉTODO ESTABELECIDO. — A obra médico-missionária é uma porta pela qual a verdade deve encontrar entrada para muitos lares nas cidades. — *Evangelism*, pág. 533.

O ministério evangélico necessita dar consistência e estabilidade à obra médico-missionária; e o ministério carece da obra médico-missionária para demonstrar a operação prática do Evangelho. Nenhuma parte da obra é completa sem a outra. — *Counsels on Health*, pág. 514.

CENTROS URBANOS. — Centros de influência podem ser estabelecidos em muitos lugares pela instalação de casas que vendam alimentos saudáveis, restaurantes que observem nossos princípios de saúde, e salas de tratamentos. — *Test. for the Church*, Vol. 7, pág. 234.

Em todos os lugares importantes deve haver um depósito de publicações. E alguém que aprecia deveras a verdade, deve interessar-se em fazer chegar êsses livros às mãos de todos quantos os queiram ler. — *Serviço Cristão*, pág. 154.

Em conexão com nossas missões de cidade deveria haver cômodos apropriados, em que aquê-

les nos quais se despertou interesse possam reunir-se para ser instruídos. Esta obra necessária não deve ser efetuada de modo tão pobre que se faça impressão desfavorável sobre o espírito do povo. Tudo que é feito . . . deve de modo apropriado representar a santidade e importância das verdades da terceira mensagem angélica. — *Obreiros Evangélicos*, págs. 347 e 348.

DE CASA EM CASA. — De importância igual às conferências públicas é o trabalho de casa em casa nos lares do povo. — *Idem*, pág. 346.

Tem-me sido mostrado por anos que o trabalho feito de casa em casa é o que torna bem sucedida a pregação da Palavra. — *Evangelism*, pág. 433.

Em quase tôdas as comunidades há um grande número de pessoas que não comparecem a nenhuma reunião religiosa. Para serem alcançadas pelo Evangelho, êste terá que ser levado aos seus lares. — *Medical Ministry*, pág. 246.

ALIMENTAÇÃO, SAÚDE E TEMPERANÇA. — Onde quer que a verdade fôr levada, dever-se-iam dar instruções quanto à maneira de preparar comida saudável. Deus deseja que em todos os lugares o povo seja ensinado por mestres hábeis, a utilizar sãbiamente os produtos que êles podem cultivar ou obter facilmente na região em que vivem. Assim os pobres, bem como os que se acham em melhores circunstâncias, podem aprender a viver saudavelmente. — *Obreiros Evangélicos*, pág. 233.

O povo precisa ver o efeito dos princípios de saúde em seu bem-estar, tanto para esta vida, como para a por vir. Precisam ser despertados para suas responsabilidades quanto à habitação humana preparada por seu Criador como Sua morada, relativamente à qual Êle quer que êles sejam mordomos fiéis. — *Evangelism*, pág. 525.

Quando a temperança é apresentada como uma parte do Evangelho, muitos verão a necessidade de reforma. . . . À medida que estas instruções são dadas, o povo se tornará interessado em outros pontos do estudo da Bíblia. À medida em que nos aproximamos do fim do tempo, precisamos levantar cada vez mais alto a questão da reforma pró-saúde e da temperança cristã, apresentando-as de maneira mais positiva e decidida. — *Call to Medical Evangelism*, págs. 41 e 42.

OBRA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. — Os *Pobres e Abandonados*. — Pobreza e sofrimento nas famílias chegarão ao nosso conhecimento, e os aflitos e sofredores terão que ser socorridos. Bem pouco sabemos do sofrimento humano que existe por tôda a parte em nosso redor, mas, havendo oportunidade, devemos estar prontos em prestar imediata assistência aos que se encontram em grande aflição. — *Welfare Ministry*, pág. 137.

Cristo pregou o Evangelho aos pobres, porém não limitou Seu trabalho a esta classe. . . . Não nos cumpre envidar esforço absoluto e único em trabalhar pelas classes mais humildes, e fazer dêsse trabalho tarefa exclusiva. . . . O trabalho de buscar os necessitados é importante, mas não deve tornar-se o grande encargo de nossa missão. — *Medical Ministry*, pág. 312.

GRUPOS SOCIAIS E DE INFLUÊNCIA. — Os grandes homens, os homens cultos, podem melhor ser atingidos pela simplicidade de uma vida piedosa, do que pelos argumentos incisivos que se possam acumular sobre êles. — *Evangelism*, pág. 557.

Aquêles que pertencem às camadas sociais mais elevadas devem ser procurados com ternura afeição e respeito fraternal. — *Idem*, pág. 555.

Muitos da alta camada social estão pesarosos e cansados da vaidade; anseiam uma paz que não possuem. Nas mais elevadas classes da sociedade há homens que têm fome e sede de salvação. Muitos receberiam auxílio se os obreiros do Senhor dêles se aproximassem pessoalmente de maneira cortês, com o coração enternecido pelo amor de Cristo. — *Parábolas de Jesus*, pág. 231.

EVANGELISMO PÚBLICO. — Nas cidades de hoje, onde existem tantas coisas destinadas a atrair e agradar, o povo não pode ser interessado por esforços ordinários. Os ministros designados por Deus hão de achar necessário envidar esforços extraordinários para atrair a atenção das multidões. . . . Têm de apresentar mensagens de caráter *tão fora da ordem comum* que o povo fique desperto e advertido. . . . Os que fazem a obra do Senhor nas cidades têm de envidar esforço calmo, perseverante e devotado, em favor da educação do povo. Conquanto devam trabalhar fervorosamente para interessar os ouvintes e conservar êsse interesse, têm de ao mesmo tempo precaver-se contra qualquer coisa que se aproxime do sensacionalismo. Nesta época de extravagância e ostentação . . . os escolhidos mensageiros de Deus devem mostrar a falácia de gastar meios desnecessariamente, para fazer efeito. — *Test. for the Church*, Vol. 9, págs. 109 e 110 (grifos nossos).

Requer dinheiro a proclamação da mensagem de advertência às cidades. É algumas vêzes necessário alugar, com grande despesa, os salões populares, a fim de que possamos atrair o povo. Então podemos apresentar-lhe a evidência bíblica da verdade. — *Evangelism*, pág. 75.

NECESSITAM-SE TALENTOS VARIADOS. — Deus está chamando não somente ministros, mas também médicos, enfermeiras, colportores, obreiros bíblicos e outros consagrados leigos de vários talentos que possuem conhecimento da Palavra

LIVROS-para sua Biblioteca



Seventh-day Adventists Answer Questions on Doctrine. Review and Herald Publishing Association, Washington DC, 1957, 720 páginas.

Nenhum obreiro adventista deveria privar-se de ler esse tratado que é uma autêntica declaração de fé, destinado a demonstrar a natureza genuinamente *evangélica* das crenças dos A. S. D. Uma das maiores editoras protestantes dos EE. UU., planejando dar a lume um livro em que deveria figurar com exatidão a doutrina adventista, teve a louvável iniciativa de dirigir-se à sede de nossa denominação. O autor, em companhia de outros pesquisadores, durante quase dois anos esteve em contato com nossas instituições, informando-se das nossas crenças. As respostas que obteve foram coligidas por nossos líderes neste volume, cuja leitura recomendamos. Foi preparado por uma equipe de eruditos da nossa grei. Inicia-se com a declaração de nossas crenças fundamentais, seguido de um cotejo de crenças nossas com outros ramos da cristandade, nossa posição em relação à Bíblia, e a razão de ser de nossas crenças distintivas. Valioso subsídio para os obreiros há na parte relativa ao santuário celestial, ao juízo investigativo, ao bode emissário e notadamente no capítulo "Concepts of the Millennium". O capítulo 44, apresenta extensa relação de citações de autores não-adventistas a respeito do estado do homem na morte. Este livro não deve faltar na biblioteca de todo obreiro adventista.

Biblical Criticism, Wick Broomall, Zondervan Publishing House, Michigan, 1956, 320 páginas.

Obra preciosa, escrita por um fundamentalista, que analisa o criticismo bíblico em todos os seus aspectos. Numa época em que a Bíblia ainda é alvo de ataques—haja vista a recentíssima "Bíblia Crítica" editada em Moscou—(e até os que pretendem defendê-la incorrem no racionalismo, como o celeberrimo "E a Bíblia Tinha Razão"), é edificante a leitura de uma obra ortodoxa quanto à inspiração e veracidade das Escrituras. Com argumentos bem ordenados, o autor profliga a Alta Crítica em suas pretensões disruptivas. No capítulo V é devidamente equacionada a posição do criticismo no que tange à historicidade da Bíblia, sua unidade, autoria, exatidão científica e ensinosa morais, sendo magistralmente repelidas as acusações nesse terreno. Há também interessantes considerações sobre o valor do V. T. e um bom estudo sobre a Arqueologia em face do criticismo. Interessante também o capítulo que focaliza o livro de Daniel à luz da Crítica, embora possamos opor-lhe algumas restrições no que colide com a nossa interpretação profética tradicional. No geral, o livro é bom e deve ser lido por todo obreiro, sendo de notar que é redigido em inglês bem acessível.

Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, Charles R. Erdman, Casa Editora Presbiteriana, S. Paulo, 1956, 157 páginas.

de Deus e conhecem o poder de Sua graça, a fim de considerarem as necessidades das cidades não advertidas. Passa rapidamente o tempo, e há muito que fazer. Importa pôr em operação todo instrumento, de modo que as oportunidades atuais sejam sábiamente aproveitadas. — *Idem*, pág. 533.

RECURSOS FINANCEIROS.—Os meios de que dispomos podem não parecer suficientes para atender a obra, mas se avançarmos pela fé, crendo no poder todo-suficiente de Deus, recursos abundantes estarão diante de nós. . . . Se nos dirigirmos à Fonte de toda a força, com as mãos da fé estendidas para receber, seremos sustentados em nosso trabalho, mesmo debaixo das circunstâncias mais desfavoráveis, e seremos habilitados a dar a outros o pão da vida. — *Welfare Ministry*, págs. 265 e 266.

O povo de Deus não deve sair cegamente e

JANEIRO-FEVEREIRO, 1959

Exposição equilibrada da primeira carta paulina aos crentes de Corinto, muito proveitosa para os nossos obreiros. Fugindo dos extremos exegéticos, o autor comenta com muita propriedade os vários tópicos do livro. Bem razoável o comentário que tece em torno das carnes sacrificadas aos ídolos. A análise do capítulo V da epístola é muito segura. Os capítulos XII e XIV, que tratam dos dons espirituais e do "falar em línguas", são comentados com muito acerto. Boa a explicação relativa ao "batismo dos mortos". Mesmo no capítulo XV, em que o apóstolo pormenoriza a ressurreição do corpo, o autor não faz em seu comentário uma apologia da imortalidade natural. A não ser uma ou outra expressão, aqui e ali, em desacôrdo com a ortodoxia adventista, quase nenhuma outra restrição se pode opor ao livro.

ARNALDO B. CRISTIANINI.

empregar os recursos de que não dispõe nem sabe como obter. . . . Antes de começarem a executar os planos, devem aconselhar-se com sábios conselheiros. — *Evangelism*, pág. 85.

SANATÓRIOS PRÓXIMOS DAS CIDADES. — Cumpre haver sanatórios perto de tôdas as nossas cidades. — *Medical Ministry*, pág. 324.

Em tôdas as cidades há homens e mulheres que iriam a um sanatório se estivesse bem próximo, e que não poderiam ir a um que estivesse bem distante. — *Idem*, pág. 325.

DEVERES DE NOSSOS LEIGOS. — Aquêles a cujo cargo se encontram os interêsses espirituais da igreja devem formular planos e meios pelos quais se dê a todos os seus membros alguma oportunidade de fazer uma parte na obra de Deus. . . . Em seus planos devem dar estudo especial à obra que pode ser feita pelos membros leigos em favor de seus amigos e vizinhos. — *Obreiros Evangélicos*, págs. 351 e 352.

As Três Cruzes do Calvário

(Continuação da página 20)

levou à cruz. Na antiguidade, era Êle representado por meio de símbolos, prefigurações e tipos da lei cerimonial, no ritual do Santuário, nas ofertas e holocaustos. Mas, ali no Calvário esta a GRANDE REALIDADE: Cristo morrendo *pelo* pecado.

Não te impressionas com isto, caro ouvinte?

Apêlo para que todos aceitem a Cristo como Salvador, e procurem servi-Lo, guardando os mandamentos de Deus.

Resumo: 1. Numa cruz, um homem morria **NO** pecado.
2. Noutra cruz, um homem morria **PARA** o pecado.
3. Finalmente, noutra cruz um Homem morria **PELO** pecado.

V — CONCLUSÃO

Esta é a mensagem da cruz. Consideremos as atitudes dos malfeitores. Por que duas pessoas, nas mesmas circunstâncias, tendo as mesmas oportunidades, têm reações diferentes? Por que ouvindo o *mesmo* sermão, uma permanece indiferente, e outra volta convertida para a sua casa? Por que uns aceitam e outros rejeitam?

É uma questão de **ABRIR** o coração a Deus . . . e não endurecer.

Sempre haverá estas duas classes de pessoas. A qual delas pertences?

ILUSTRAÇÃO. Verificou-se que, na misteriosa flora submarina, nas profundezas abissais do oceano, medra estranha flor. De um mesmo "caule", que se bifurca em duas "hastes", e nas extremidades destas surge a flor. São aparentemente iguais. Crescem e desenvolvem-se paralelamente. Uma delas se desprende da "haste", solta-

se, vai subindo, subindo, varando a imensa massa líquida do Oceano até atingir lá em cima a superfície e receber o beijo ardente do Sol. No entanto a outra flor, sua companheira, não se desprende da haste. Ali fica, desmancha-se, dilui-se, vira nada . . . Assim são as pessoas em relação a Jesus. Uma se eleva, rompe o pecado, sobe na vida cristã, atinge as alturas e alcança a salvação. Outra perece nas baixezas do pecado e da miséria.

As duas atitudes, como as dos dois malfeitores . . .

Oxalá, ninguém dos presentes, venha a morrer *no* pecado, mas venha a morrer *para* o pecado, confiando nAquêle que morreu *pelo* pecado.

A. B. C.

Notas e Notícias

. . . A QUESTÃO de convidar o Vaticano para estabelecer uma missão diplomática em Londres, irá ser reexaminada dentro em breve pelo Governo Britânico. Presentemente está a Grã-Bretanha representada na Santa Sé por um ministro com plenos poderes diplomáticos e privilégios, mas não houve, até ao presente, representante diplomático da Santa Sé em Londres, desde a Reforma.

. . . Segundo informação de fonte britânica, sacerdotes ortodoxos na Grécia "proibiram os casamentos na igreja, o batismo de crianças e licenças de entêrro antes que o seu rebanho agite a questão da união de Chipre à Grécia."

. . . Reuniões religiosas públicas podem ser realizadas sem aviso prévio à Polícia, é decisão recentemente adotada pela nova côrte constitucional da Itália. Isto é reconhecidamente um vitória decisiva dos grupos evangélicos que por algum tempo vêm tentando revogar a existente regulamentação policial.

. . . Relações diplomáticas irão ser estabelecidas entre a Etiópia e o Vaticano. Isto eleva para quarenta e oito o número de Estados que mantêm tais relações diplomáticas.

. . . Foi feita recomendação por uma comissão internacional de cinco juristas, que estão elaborando a constituição da Malaia, no sentido de que o maometismo não seja reconhecido como religião oficial. (A Malaia tornou-se país independente em 1957.) — *Liberty*, Terceiro trimestre de 1957.

. . . A Igreja Católica-Romana foi a única grande corporação religiosa na Nova Zelândia que cresceu em porcentagem superior à população no período compreendido entre os censos de 1951 e 1956.